



RESGATES AFETIVOS DA PRODUÇÃO ARTÍSTICA NA CIDADE DE ITAJAÍ

AFFECTIVE RESCUES OF ARTISTIC PRODUCTION IN THE CITY OF ITAJAÍ

Maria Vitória Schizzi Tiepo¹

Marina Corbetta Benedet²

Andrea Vieira Zanella³

-
- 1 Professora de Psicologia na Universidade do Vale do Itajaí (Univali). Mestre em Psicologia Social e Cultura, tendo enfoque em pesquisas sobre relações estéticas e processos de criação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: mariatiepopsico@gmail.com
 - 2 Docente-pesquisadora dos cursos de Psicologia e Medicina da Universidade do Vale do Itajaí (Univali). Mestrado (2007) e doutorado (2013) em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: marinabenedet@gmail.com
 - 3 Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGP/UFSC), professora titular aposentada da mesma instituição. Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR); mestrado e doutorado em Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: avzanella@gmail.com

RESUMO:

O objetivo desta pesquisa foi compreender de que forma a cultura artística se inscreve e se produz no município de Itajaí, por meio de uma pesquisa de natureza documental. Foram considerados como fonte de informações documentos públicos do município, localizados em arquivos oficiais e extraoficiais. Parte-se de uma perspectiva do *flâneur* benjaminiano, resgatando as políticas culturais do município e os movimentos artísticos que acontecem em seus diferentes territórios. Os resultados evidenciam que os lugares enfatizados como turísticos são privilegiados em relação às políticas culturais do município. Ainda que alguns programas propiciem a difusão de oficinas artísticas para outros cantos distantes da região central, conclui-se que Itajaí, apesar de apresentar uma cena artística cultural pujante, mantém vivas arestas de marginalização ao acesso artístico cultural.

Palavras-chave: cidade; arte; corpo; pesquisa documental.

ABSTRACT:

The objective of this research was to understand how artistic culture is inscribed and produced in the municipality of Itajaí, through a documental research. Public documents from the municipality located in official and extra-official archives were considered as a source of information. It starts from a benjaminian *flâneur* perspective, rescuing the cultural policies of the municipality and the artistic movements that take place in its different territories. The results show that the places emphasized as touristic are privileged in relation to the city's cultural policies. Although some programs promote the dissemination of artistic workshops to other distant corners of the central region, it is concluded that Itajaí, despite having a thriving cultural artistic scene, maintains sharp edges of marginalization of cultural artistic access.

Keywords: city; art; body; documental research.

INTRODUÇÃO

Em uma busca na internet sobre o mapa do município⁴ de Itajaí, observa-se a cidade conhecida pelas belas praias e infinitas belezas naturais. Além das praias localizadas como pontos turísticos, outros locais de encontro também são ressaltados, tais como: o Molhes, o Bico do Papagaio, o Píer Turístico, o Mercado Público, a Marejada, a Igrejinha, a Igreja Matriz, o Morro da Cruz, o Teatro Municipal, o Museu Histórico e a Casa da Cultura. O mapa traz o centro da cidade como referência, porém “esquece” que do outro lado da BR 101 também existe cidade e um número expressivo de pessoas que habitam seus bairros: Itaipava, Santa Regina, Espinheiros, Brilhante I, Brilhante II, dentre outros. Ademais, os lugares que são reconhecidos como pontos culturais, tais como a Casa da Cultura e o Teatro Municipal, localizam-se, respectivamente, no centro e perto do centro, deixando pistas de uma possível centralização cultural da cidade.

-
- 4 Ressalta-se que serão utilizados dois termos para fazer referência a Itajaí: cidade e município. A escolha por cidade advém de um posicionamento epistemológico, dialogando com autores que se debruçam sobre o tema, tais como: Benjamin (1994), Lefebvre (2011) e Sennet (2021). Discussões a respeito do conceito de cidade serão feitas ao longo do texto. Já o termo “município” fará referência ao plano geográfico de Itajaí.

Compartilho algumas indagações que aqui reverberam e que podem criar alguns caminhos possíveis para desdobramentos: quais fronteiras existem na cidade para além do campo geográfico? A quem é de direito a arte na cidade?⁵ Que cidade é a cidade de Itajaí? Como se configura a política de acesso às atividades artísticas na cidade? Partindo dessas questões, é objetivo desta pesquisa relatada neste artigo, de natureza documental, compreender de que forma a arte se inscreve e se produz na cidade de Itajaí.

SOBRE A ARTE NA CIDADE DE ITAJAÍ-SC: BREVES CONSIDERAÇÕES

“Itajaí, entre o rio e o mar” – eis a frase que inicia o texto sobre a cidade de Itajaí no *site* da Prefeitura Municipal de Itajaí (Itajaí, 2019). Localizado no encontro entre o Rio Itajaí-Açu com o mar, o município situa-se no litoral norte de Santa Catarina e tem um dos maiores complexos portuários do país. Foi colonizado por portugueses, no século XVIII, e alemães, no século XIX, mantendo fortes ligações com navegações; além disso, Itajaí é responsável por 55% do mercado nacional de pesca, sendo referência em tecnologia e inovação no setor. É um dos setores que mais emprega habitantes do município: cerca de 20 mil pessoas trabalham direta ou indiretamente no setor de pesca (Itajaí, 2019). Número expressivo, considerando que o município conta com 226.617 mil habitantes, segundo dados do censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) referente ao ano de 2021.

Itajaí também é uma cidade universitária, com mais de 24 mil alunos da Universidade do Vale do Itajaí (Univali), localizada em um ponto central da cidade, no bairro Fazenda; somados, os *campi* têm 170 mil

-
- 5 Segundo Lefebvre (2011), o conceito de direito à cidade diz respeito a quem nela vive; participando da vida cotidiana, repensando modos de agir e de existir em seus territórios, partindo de um compromisso ético e político. Se desdobra em conceitos outros no que tange ao direito de necessidades básicas, como o direito ao trabalho, ao transporte público, à moradia digna, à informação, ao lazer e à cultura. Dessa forma, o “direito à cidade” não diz respeito apenas a demandas de infraestruturas e de habitação, mas, sim, fundamenta-se na ideia de liberdade, produção de encontros, autonomia e de afetos.

metros quadrados de áreas construídas. Além dela, existem outras universidades na cidade, como o Centro Universitário Leonardo da Vinci (Uniasselvi) e a Universidade Norte do Paraná (Unopar).

Um dos locais que mais recebe visitantes na cidade é o Mercado Público, conhecido como Mercado Velho (Ramos; Triska, 2019). Ali encontram-se singularidades da cultura itajaiense: gastronomia, bebidas, artesanatos e bandas locais que se apresentam semanalmente. Além do Mercado Público, a Fundação Cultural de Itajaí⁶ desempenha um papel importante no município, no que tange aos aspectos culturais, organizando reuniões e apresentações dos grupos locais de coral e a manifestação folclórica do Boi de Mamão⁷. Não obstante, a Fundação Cultural de Itajaí oferece à população cursos gratuitos de dança, teatro, desenho, pintura, artesanato, entre outras atividades artísticas, por meio do programa “Arte nos Bairros”, objetivando manter viva a cena cultural artística no município (Itajaí, 2023). Itajaí tem duas festas tradicionais que acontecem anualmente: a Marejada⁸, criada em 1987 e celebrada no mês de outubro, reúne vários aspectos da cultura local, inclusive a cultura açoriana que constitui a identidade de Itajaí (Severino, 1999). Em julho, acontece a Festa Nacional do Colono, que teve sua primeira edição em 1981: nesse evento, se destacam as exposições e feiras agropecuária e agroindustrial, mostra de animais, apresentações artísticas e culturais.

Além dessas duas comemorações, Itajaí sedia também anualmente o Festival de Música, considerado o maior evento do gênero do estado e um dos maiores do país, segundo o *site* da Prefeitura Municipal

.....
6 Ver mais em: Machado, 2001.

7 Segundo Rosa (2010), o Boi de Mamão é uma atividade folclórica trazida por imigrantes nordestinos para Santa Catarina por volta do ano de 1871. Originalmente chamada por Bumba Meu Boi, depois recebeu o nome de Boi de Pano, até ser consagrada como Boi de Mamão. A brincadeira envolve dança e cantoria sobre o processo de vida/morte e ressurreição do boi. Atualmente, ela está presente em quase todos os municípios do litoral catarinense por ter uma relação de identidade com a cultura açoriana, a qual utiliza-se, também, de instrumentos musicais, cantorias e danças.

8 Ver mais em: Flores, 1979.

de Itajaí (Itajaí, 2019). O festival gera uma movimentação artística importante na cidade, pois, além de propiciar espaços para artistas locais mostrarem seus trabalhos, oportuniza a troca de experiência entre artistas consagrados da música brasileira provenientes de vários lugares do país. Não somente de shows o festival consiste: a programação contempla “eventos paralelos”, como são chamadas pela Fundação Cultural as oficinas e *workshops* oferecidos ao público. Os eventos acontecem no Centreventos (Marejada), no Teatro Municipal, na Casa da Cultura e, no caso de evento específico nomeado como A Música Invade a Cidade, no Calçadão da Hercílio Luz, a principal e mais antiga rua comercial localizada no centro da cidade. Esse evento consiste em um projeto de 2011 que traz apresentações de música para uma via pública, divulgando o festival e convidando o público a prestigiar suas atividades; acontece em locais em que há maior reunião de pessoas, a fim de despertar o interesse pela mostra e gerar aproximação entre o público e o movimento artístico de Itajaí (Itajaí, 2023).

Outros dois festivais que acontecem na cidade são o Festival Toni Cunha e o Festival Itajaí em Cartaz⁹. Ambos são mostras de teatro que, para além dos espetáculos, contam com oficinas e *workshops* abertos ao público. O primeiro acontece de forma bienal, tendo sido realizada sua 7ª edição no mês de julho de 2022; o segundo é anual, tendo a última edição sido realizada no ano de 2016, de acordo com os registros encontrados.

Outro evento que ocorre na cidade, fascinando o público local e trazendo visitantes de outras regiões do estado e do país, é o Natal EnCanto. Este propicia noites de espetáculos marcadas pelo cortejo do Papai Noel pelo calçadão Hercílio Luz, a apresentação de coro formado por vozes adultas e infantis de Itajaí, performances de patinação artística e a projeção mapeada na Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento. Essa última acontece por meio de um mapeamento fotográfico na parte externa da igreja, sendo utilizados projetores e

9 Este artigo é resultado de uma dissertação de mestrado concluída sobre o tema.

dispositivos específicos que auxiliam na projeção. No ano de 2021, a projeção fez uma homenagem aos profissionais de saúde e às vítimas da covid-19, visibilizando, por meio de um ponto turístico e central da cidade, os grandes impactos da pandemia de coronavírus.

Embora se constate a abertura de atividades artísticas em Itajaí para além de lugares convencionais, ainda ocorre uma centralização nos centros urbanos. Desse modo, compreender as fronteiras geográficas que delimitam o acesso à cultura na urbe, principalmente às regiões centrais da cidade, e seus efeitos, nos afirma a noção de centro político, para além de localização espacial.

As informações apresentadas possibilitam compreender que arte e a cidade são tramadas, criam interferências na cena urbana e múltiplos efeitos. Não somente em Itajaí isso acontece: essa trama contribui para a desmistificação de um sujeito linear e impenetrável; o tensionamento da cultura hegemônica; a necessidade da composição e intersecção urbana nos modos de vida; o alargamento das funções sociais. Esses efeitos são possíveis porque “a arte nunca é um fim, é apenas um instrumento para traçar as linhas de vida” (Deleuze; Guattari, 1996, p.63).

Pensar na arte a partir desse lugar é uma convocatória: para além da arte descrita como função específica, todo campo experiencial que ela provoca. A arte produz novas corporeidades e afirmações de vida enquanto possibilidade de ruptura, de constituição de “si” para além do saber e do poder (Foucault, 2010), estimula novos territórios existenciais e singularizações.

A arte, viva na cidade, sai de um lugar de funcionalidade e existe como constituição estética de um sujeito urbano, de um corpo-cidade (Furtado; Zanella, 2007). Um corpo-cidade desdobrado por histórias, memórias, partilhas de quem ali habita, ou simplesmente por ali perpassa. Um corpo-cidade com entonações, melodias, fendas, hábitos, lembranças e significações. Um corpo-cidade com interferências e efervescências decorrentes da arte que ali se produz. Vejamos como isso acontece em Itajaí-SC.

MÉTODO

Este artigo busca olhar para o corpo-cidade de Itajaí por meio de uma pesquisa documental, tendo como material de análise documentos públicos da cidade de Itajaí localizados em arquivos oficiais e extraoficiais. O acesso a esses documentos deu-se por meio de pesquisas no Arquivo Público da cidade, na Casa Lins – Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí; em páginas *online* oficiais do município, tais como o *site* da Prefeitura Municipal e o *site* da Fundação Cultural. Foram eles: anuários, fotografias, cadernos de gestões passadas, jornais e dossiês. As leis municipais analisadas também estão disponíveis *online* no *site* da Câmara Municipal¹⁰, com todas as resoluções em regência. Como extraoficiais, estão os próprios registros privados dos artistas locais, fotografias de espetáculos antigos, registros de mostras teatrais da urbe que, guardadas com zelo, contam um pouco do que já existiu na urbe.

Para compreender de que forma a cultura artística se inscreve e se produz na cidade de Itajaí, parto de uma perspectiva do *flâneur* (Benjamin, 1994), debruçando meu corpo sobre o tempo-espaço da cidade, permitindo que o meu olhar e minha curiosidade se tornem guias na deambulação pelos documentos analisados. O olhar para os documentos que narram a história se atém à percepção daquilo que é esquecido, ou simplesmente não costuma tomar tempo. Então, dedico tempo a olhar os transeuntes, os detalhes que compõem a cidade para além do porto e dos navios, olhar detalhes que são possíveis de serem vistos quando se espremem os olhos. É nesse encontro do meu corpo com a cidade que procuro percorrer os fragmentos de uma possível história não narrada – e, se narrada, fica em minha interpelação: de qual lugar e por quais pessoas?

A trama que envolve as discussões e análises estão alicerçadas em: cidade-arte-corpo. Parto da ideia de cidade como corpo constituído pela arte. Esse corpo discutido aqui, ao contrário das teorias

.....
10 Ver em: <http://www.cvi.sc.gov.br/>.

cartesianas e fundamentalistas, é compreendido como acontecimento, potência, definido a partir de sua capacidade de afetar e ser afetado, existindo na medida em que se encontra com um corpo outro (Deleuze, 1997). Sendo assim, dialogo diretamente com Alcantara (2019, p. 230) quando o autor discorre que “a estrutura de um corpo é a composição de sua relação. E o que pode um corpo senão sua capacidade de tornar ativo todo movimento que o afeta, sua natureza e os limites do poder de ser afetado?”.

Compreender a cidade como corpo é justamente buscar o entroncamento entre aquilo que é visto e o que é silenciado; como um espaço de coexistência entre diferentes linguagens (Ferrão Neto, 2012). E a arte, como dispositivo de resistência, denúncia e anunciação daquilo que não é dito, narrando “histórias de diferenciados silêncios” (Ribeiro; Baptista, 2016, p. 376).

O corpo-cidade revela-se como um campo de permanência, travessia e vizinhança, marcado por uma estética e desejos sociais que nele são produzidos. Uma cidade que acontece em seus contrastes, tecidos sociais, inúmeras transformações, processos de vir a ser (Pasqualotto; Zanella; Fonseca, 2020) que conotam um inacabamento – reticências, lugares de existências.

Meu corpo é ponto de intersecção dessa cidade-arte-corpo, e é a partir dessa experiência que me coloco nesta escrita.

ENTRE PAPÉIS E FOTOGRAFIA: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O CORPO CIDADE-ARTE DE ITAJÁ

Olhar para a cidade além do espaço geográfico é um exercício de investimento na diferença, um composto de acontecimentos que vão além do tecido social. Podemos pensar na figura do rizoma que, segundo Deleuze e Guattari (1995), refere-se ao sistema de conexões sem um tempo e um espaço pré-estabelecido, sem início e fim, mas permeado por linhas, intensidades, fluxos e segmentaridades. Ou seja, a partir da compreensão de cidade-rizoma, dispara-me a

ideia de pensar territórios como pontos de conexão, não havendo uma instituição central que delimita a matriz dos fluxos, mas, sim, um emaranhado diverso e múltiplo que se agencia diariamente.

Partindo dessa lógica, escrevo sobre a cidade de Itajaí tensionando algumas reflexões que me movimentam, sobretudo no que diz respeito ao acesso à arte. Em um breve relato sobre o município, é visto que a produção artística cultural é fomentada pela política municipal. Para compreender esse processo, conduzi-me às políticas públicas municipais para entender de que forma se rege a implementação e condução de atividades artísticas.

Em acesso à Lei Orgânica do Município de Itajaí, de 04 de abril de 1990, com alterações até a data 18/11/2021, flano pelas 60 páginas e deparo-me com um capítulo importante à composição desta pesquisa, o capítulo VIII, intitulado Da Cultura. O artigo 194 desse capítulo preconiza que “O poder público municipal garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e o acesso às fontes da cultura nacional, catarinense e itajaiense” (Itajaí, 1990). O parágrafo único que segue essa redação prevê que a política cultural do município será definida por um Conselho Municipal de Políticas Culturais (CMPC) e por “ampla participação popular” (Itajaí, 1990).

Observo que o capítulo VIII da Lei Orgânica do Município de Itajaí, restrito às questões culturais da cidade, ressalta a participação popular, junto à atuação do CMPC nas decisões para a destinação dos recursos ao setor. Partindo disso, busquei informações que possibilitassem compreender se a população itajaiense é efetiva na defesa das políticas culturais do município.

No *site* da Fundação Cultural há uma aba restrita aos conselhos municipais de Itajaí, os quais são um dos principais canais de diálogo entre a sociedade civil e o poder público para a efetivação, implementação e fortalecimento de políticas públicas, além do controle social sobre o direcionamento de recursos para determinado setor. Dentre os conselhos que fazem parte da listagem descrita na página, há o CMPC. Em acesso à página específica deste, adentrando nas leis

dispostas, deparo-me com a Lei n° 7.040, de 24 de julho de 2019, que altera o dispositivo da Lei n° 4.256, de 07 de março de 2005, sancionando e aprovando o art. 3° da Lei n° 4.256, de 07 de março de 2005, que passa a vigorar com a seguinte redação: “Art. 3° – O Conselho Municipal de Políticas Culturais será composto por 20 (vinte) membros, e seus respectivos suplentes. Ou seja, 10 representantes do poder público e 10 representantes de entidades não governamentais (sociedade civil)”. Já em seguida, acima desse último decreto, acessei o Decreto n° 11.742, de 24 de outubro de 2019, o qual redige sobre a composição de cada categoria, e constato que todos os representantes da sociedade civil são profissionais de setores artísticos da cidade.

Tal fato me conduz a pensar que um dos motivos pelos quais a produção artística na cidade se faz tão presente é resultado também de um movimento sagaz de artistas do município que reivindicam a política cultural artística como dispositivo necessário no cotidiano da urbe, por meio de órgãos políticos como o conselho municipal. E, não obstante, reflito que essa mesma população que reivindica o fortalecimento do setor por meio da participação em reuniões deliberativas pode ser representada tanto por artistas locais que lutam pelo engajamento de seus trabalhos como por habitantes que encontram potência de vida por meio da arte. Constato também, nos princípios da Lei Orgânica do Município de Itajaí que orientam as políticas para o setor, o interesse público na preservação de patrimônios históricos da cidade, o desenvolvimento de espaços culturais para a continuidade de tradições locais e o financiamento de projetos sociais ligados a manifestações culturais.

Ainda sobre o Conselho Municipal de Cultura de Itajaí, ressalto que este atua de forma coletiva e deliberativa, tendo como objetivos planejar, assessorar, orientar e fiscalizar as atividades artístico-culturais do município. Organiza-se com um Conselho Pleno, composto pelos 20 representantes já citados anteriormente, a Presidência e as Câmaras Técnicas, divididas em diferentes áreas. Em Itajaí, há

dez Câmaras Técnicas, sendo elas de Literatura, Produção Cultural, Entidades do Ensino Superior, Teatro e Circo, Audiovisual, Grupos Folclóricos e Escolas de Samba, Dança, Artesanato, Música e Coral e Artes Visuais (Fundação Cultural de Itajaí, 2023b). Estas são constituídas por meio da necessidade dos conselhos, podendo ser temporárias ou permanentes. O presidente do conselho realiza as portarias conforme a demanda específica do município, e a escolha dos integrantes a compor a câmara é realizada pelos pares, levando em conta o perfil dos interessados e suas atuações no cenário político-cultural do município.

Estar em contato com documentos que ordenam as políticas públicas conduz-me a refletir sobre o papel da cultura na cidade que, além de gerar encontros com diferentes expressões artísticas, alimenta a ideia de um território vivo. Milton Santos (2002) nos traz a perspectiva de um território relacional, um espaço que se (des)constrói no cotidiano e é inscrito pela história/memória social nos acontecimentos banais do dia a dia, nos modos de viver, nas culturais que ali se produzem; trata-se, a cidade, de um espaço de produção de sentidos. A partir dessa implicação, convoco-me a pensar/sentir/experienciar a cidade-nessa-cidade.¹¹

Cabe aqui abrir um novo parágrafo para pensar essa noção de território problematizada anteriormente, entretecida com as políticas públicas culturais da cidade. Não somente de flores a cena cultural é feita. Afinal, para quem a cena cultural se destina? Lanço meu olhar novamente ao mapa apresentado na epígrafe deste artigo e, em especial, para os territórios sinalizados da cidade e os pontos reconhecidos como turísticos. Existem dois locais dedicados à produção de oficinas artísticas, bem como apresentação de espetáculos culturais. São eles: a Casa da Cultura Dide Brandão e o Teatro Municipal. Ambos se localizam na região central, porém a Casa da Cultura se destaca por

.....
11 O jogo de palavras “cidade-nessa-cidade” diz respeito ao olhar sobre a cidade para além de sua estrutura física e geográfica.

estar no coração da cidade, edificada na Rua Hercílio Luz e ao lado do Museu Histórico.

Na Casa da Cultura Dide Brandão, há uma sala de leitura, uma biblioteca, sete salas de aula, um auditório para 80 pessoas e galerias de arte. São ambientes destinados a artistas locais e de outras regiões apresentarem seus trabalhos. A instituição oferece cursos de dança (*ballet* e *jazz*), de música (violão, guitarra, bateria, gaita de boca, violino, coral, técnica vocal, teclado, piano), artes cênicas (teatro e *clown*) e plásticas (desenho, pintura em tela e cerâmica) (Fundação Cultural de Itajaí, 2023a). Há de se pensar que espaços como esse, além de proporcionar vivências com a cena artística cultural da cidade, possibilitam uma educação para além do ensino formal instituído nas escolas. Os cursos ofertados também são estratégias de construção de cidadania, visto que a inserção num centro cultural gera processos de criação éticos e estéticos, o que corrobora com a proposição dos autores Rojas, Lima e Braga (2021, p. 238), quando dizem que “a criação é vital para a condição humana, para que cada um reconheça a sua voz, a sua capacidade de linguagem tanto no sentido de entender as emaranhadas redes de mensagens em que existimos, como no sentido de expressar-se mais livre e lucidamente”.

Quando se cria um lugar de pertencimento, o exercício da cidadania é possibilitado, tendo como valores fundamentais na relação a alteridade, a autonomia e o direito à diferença; é partir desse fenômeno político, histórico, social e subjetivo que os desejos e necessidades dos coletivos são expressos (Sawaia, 1994). Desse modo, se cabe à arte alguma tarefa, penso que é a de romper também com as fronteiras erguidas pela e na educação formal, possibilitando novas corporeidades que hão de vir.

O Teatro Municipal, por sua vez, com capacidade para 515 pessoas, foi inaugurado apenas no ano de 2004, há 18 anos. Já a Casa da Cultura atua fortemente há 40 anos, possibilitando a apresentação de companhias artísticas locais em sua sede, bem como o desenvolvimento de oficinas abertas ao público. Ou seja, além de ser um espaço de acesso

à cultura artística para os habitantes na condição de espectadores, também é possível acessá-lo na condição de aluno(a).

Apesar das construções do Teatro Municipal de Itajaí terem iniciado nos anos 90, somente em 2004 foi inaugurado. Contudo, mesmo após a inauguração, este precisou ficar alguns meses fechado para a finalização das obras e, somente em julho de 2005, foi reinaugurado. O Teatro Municipal de Itajaí é um dos pontos turísticos mais significativos da cidade, pois recebe importantes espetáculos do circuito nacional e internacional, além de ter colocado Itajaí, junto a Florianópolis, Joinville e Blumenau, no roteiro artístico de Santa Catarina¹². Além dos espetáculos teatrais que acontecem no teatro, também ocorrem apresentações musicais, reuniões de coletivos de arte da cidade e rodas de conversa sobre os temas apresentados em cenas. Outro ponto turístico localizado no mapa e que também é um lugar da história cultural da cidade é o Museu Histórico. Este foi construído em 1925 e inaugurado em 1982, com o objetivo de abrigar funções do estado. Porém, atualmente, o museu é sede de exposições temáticas da memória da cidade, contendo em seu acervo mais de 10.000 peças de Itajaí e região (Fundação Genésio Miranda Lins, 2023).

Os locais aqui apresentados são alguns pontos de referência intitulados como turísticos por manterem viva a história da cidade, mas, também, permitirem a emergência de algum novo; do que pode vir a ser. O palco, a sala de aula, o auditório, o acervo, os encontros nesses locais possibilitam a criação de novos afetos e de devir. “Devir não é atingir uma forma (identificação, imitação, Mimese), mas encontrar a zona de vizinhança, de indiscernibilidade ou de indiferenciação tal qual já não seja possível distinguir-se de uma mulher, de um animal ou de uma molécula” (Deleuze; Guattari, 1995, p. 11). É nesse encontro do meu/seu/nosso corpo com outros corpos na cena artística da urbe que afetos me/te/nos atravessam e me/te/nos impregnam, estabelecendo um território outro de conexões; um

.....
12 Ver em: <https://teatromunicipalitajai.blogspot.com/>.

território de passagens, travessias, vizinhanças, mas nunca apenas de chegada. Eis a importância dos locais referidos para a dinâmica da cidade, para a constituição de corpos outros que venham a compor o próprio corpo da cidade.

ARTE PARA ALÉM DO MAPA...

Embora tenha destacado os espaços culturais canônicos em Itajaí e sua importância, algo me incomoda em relação ao direito às políticas de cultura do município. Talvez essa discussão precise estar na primeira linha, mas percorro a escrita anterior tentando encontrar alguma justificativa plausível para os questionamentos que deixo aqui como reflexões.

Segundo o *site* da Prefeitura Municipal de Itajaí, a cidade é composta atualmente por 32 bairros, dos quais 9 localizam-se à margem esquerda da Rodovia (BR 101), considerando a direção sul-norte. São eles: Espinheiros, São Roque, Itaipava, Brilhante I, Brilhante II, Limoeiro, Paciência, Santa Regina e Arraial dos Cunhãs. Esses bairros não são citados no mapa, diferente daqueles que estão situados à margem direita da BR 101. O que reverbera nessa situação é que todos os pontos turísticos apontados no mapa se localizam no centro ou em bairros próximos a ele e distantes dos citados anteriormente. Resolvi fazer uma análise da distância *versus* tempo da BR 101 para o centro da cidade por meio do aplicativo Google Maps e, quando coloco a origem (BR 101) e o destino (centro/Itajaí), a primeira via indicada é a Avenida Vereador Abrahão João Francisco. A distância calculada fica em 7,8 km (mais ou menos 15 minutos com condução própria) e, quando mudo o meio de transporte e coloco a opção “a pé”, o tempo muda para 1h30min.

A partir dessas informações, questiono: a população que mora nesses bairros distantes do centro acessa as atividades artísticas desenvolvidas na cidade? As atividades propostas nesse núcleo da urbe em que se localizam a Casa da Cultura Dide Brandão, o Museu Histórico e o Teatro Municipal são realmente de acesso para todos? Acontecem

oficinas artísticas em outros territórios que não os centrais? Para refletir sobre tais perguntas, dialogo com Aniceto (2016, p. 188), quando o autor discorre que “as cidades são vendidas como produtos turísticos – esvaziando-se a maioria das características locais, privilegiando-se o que é vendável para o ‘exterior’. Só vale parte da cidade, a lucrativa, o resto não”.

É no espaço central da cidade que tudo ganha maior holofote: tanto as benfeitorias como aquilo que desagrade, a somar com o efeito político que se empreende nesses pontos. Nada mais é que um território constituído por relações e dispositivos de saber e poder historicamente construídos com a função de controle e de organização social (Foucault, 1999). Sendo assim, parto de duas propostas: é no território central que o estado tem maior controle sobre o que é feito e é a partir do território central que o estado ganha maior visibilidade. Com isso, incito a dizer que a inscrição de pontos culturais nessas localidades tem uma função social e política que transpassa a simples disseminação artístico-cultural pela cidade. É a partir dali que Itajaí é vista, falada, comentada e aplaudida, sendo a arte um dispositivo de subjetivação do corpo que pode, justamente, criar territórios de re(existência) compostos por perceptos e afetos, na tentativa de romper com a lógica binária da racionalidade hegemônica (Foucault, 2010).

PRÁTICAS ARTÍSTICAS PARA ALÉM DA REGIÃO CENTRAL

Em minha relação com a cena artística de Itajaí, participei de algumas oficinas disponibilizadas pela Fundação Cultural de Itajaí, bem como assisti a muitos trabalhos desenvolvidos na cidade. Já tinha conhecimento de um projeto desenvolvido no município chamado “Arte nos Bairros” e, com essa pesquisa e as reverberações geradas, resolvi ir atrás de informações para ver como funciona.

Segundo o *site* da Prefeitura Municipal de Itajaí, o programa, instituído pela Lei nº 4.561, de 09 de maio de 2006, foi desenvolvido por meio da Fundação Cultural de Itajaí, no âmbito do município, com

o intuito de promover apresentações nas áreas culturais de dança, canto-coral e teatro. Os grupos locais podem se inscrever no projeto, desde que estejam em atividade comprovada no município de Itajaí por no mínimo dois anos; quando selecionados, recebem verba para o desenvolvimento de seus trabalhos. Em 2023, os cursos ofertados foram de amigurumi artesanato, audiovisual (cinema), *ballet* clássico, *ballet* método cubano/Alícia Alonso, bateria, Boi de Mamão, capoeira, contrabaixo, coral infantil, costura criativa, dança contemporânea, danças de salão, danças de matrizes africanas, dança regional e criativa, danças urbanas, desenho artístico, DJ, entalhe em madeira, escrita criativa (literatura), fotografia, malabares, maquiagem cênica, patinação artística, percussão, pintura artística em muros e murais, pintura em tela, pintura em tecido, sopros (flauta, sax, trompete, sopros em geral), teatro (prática de teatro, teatro e oratória), teclado, violão e violoncelo (Fundação Cultural de Itajaí, 2023a).

Respondendo a uma das indagações realizadas anteriormente sobre a oferta de oficinas artísticas em outros territórios que não os centrais, o programa “Arte nos Bairros” proporciona a extensão de atividades artísticas culturais em bairros mais distantes do centro, a citar, por exemplo: Brilhante II | E.B. Martinho Gervási – Rua Rodolpho Girardi, 4309; Espinheiros | Salão Paroquial Capela Santo Antônio – Rua Fermino V. Cordeiro, 4374; Imaruí | Escola Básica Arnaldo Brandão – Rua Leodegário Pedro da Silva, 633; Itaipava | Museu Etno-Arqueológico – Av. Itaipava, 3901; km 12 | CEI Augusto Bento de Oliveira (em frente à igreja) – Rua Ver. Germano Luiz Vieira; Limoeiro | Posto de Saúde – Rua Edmundo Leopoldo Merisio, s/n; Salseiros | Salão Paroquial Igreja Senhor Bom Jesus – Rod. BR 101, km 115; Santa Regina | Igreja Santa Regina – Rua Alberto Dagnoni, 1214; São Roque | Igreja de São Roque – Rua Domingos Rampelotti, 5183.

Nesse *flâneur* pela cidade de Itajaí, pesquisando os territórios que a constituem, buscando singularidades, curiosidades, estranhezas, partilhas para esta escrita, deparo-me com a seguinte frase: “contrariando o que muitos acreditam, a primeira colônia de Itajaí não surgiu

onde hoje é o centro urbano da cidade. Muito antes da emancipação do município, em 1860, havia sido fundada uma colônia no atual bairro de Itaipava” (Retratos [...], 2016). O bairro Itaipava, distante do centro da urbe, traz consigo um arcabouço histórico memorável para Itajaí. No ano de 2016, houve a realização de um projeto viabilizado por meio da Lei de Incentivo à Cultura, Fundação Cultural e Prefeitura Municipal de Itajaí intitulado “Retratos Itaipava: Imersão histórica na pedra que atravessa a água”, com o intuito de possibilitar a imersão histórica no território, disponibilizando experimentações artísticas e culturais por meio da fotografia para enaltecer o patrimônio histórico local. Encontrei uma página na internet¹³ sobre esse projeto, na qual constam algumas fotos de locais memoráveis do bairro, além de informações sobre a imersão e alguns textos de entrevistas com historiadores sobre os patrimônios sediados no território. O programa “Arte nos Bairros” é uma política de acesso à cidade e de acesso à arte que permite à população, mesmo aquela que reside distante da região central, ocupar espaços culturais e experimentar vivências do seu corpo com a arte. É uma proposta de descentralização da política cultural que promove saúde, o exercício da cidadania, além de criar territorialidades e possibilitar a abertura de pensamento, como escreve Suely Rolnik (1995).

Deleuze e Guattari (1995) discorrem que o território é um espaço subjetivo de vivências, constituído por conjuntos representacionais de comportamentos do cotidiano, esferas sociais, culturais, estéticas que se imbricam diariamente no ir e vir da vida banal. A produção artística proposta nesses territórios provoca uma formação subjetiva que cria um território específico, o qual está num movimento dialético de desterritorialização e reterritorialização, ao passo que linhas de fuga são abertas e agenciadas em um campo-espço.

Não posso dizer o que produzem efetivamente essas oficinas nesses bairros distantes da região central da cidade. Os limites da pesquisa realizada não permitem visibilizar as linhas de fuga que porventura ali

se abrem, os rizomas que ali se produzem, porém, a aposta é pensar nessa desterritorialização da arte como possibilidade de acesso e de reconhecimento de novos modos de vida. Nesse trajeto de saída da arte de uma região central, a qual concentra o poder econômico e político da cidade, para lugares à margem, seguindo os rastros das políticas culturais, emergem outros questionamentos: para quem, quando e onde é de direito a arte na cidade?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Olhar mundo afora também é perceber um novo campo de experiência de vida; mas, para além de simplesmente olhar, habitar esse mundo afora requer travessias do canto em que se está, para o canto em que se quer ou que se pode chegar. Nesse canto de Itajaí, coloquei-me em outra condição de estar no mundo. Redijo. Nesse canto de Itajaí, a própria cidade proporcionou-me outra condição de estar no mundo. Acredito mais nessa última frase, visto que é nessa cidade que meu corpo-artista-psicóloga tomou outras formas, desejando permanecer, e não apenas atravessar. Meu corpo habita essa cidade, e essa cidade me habita e constitui diariamente.

Noto que arte na cidade de Itajaí se faz presente em diferentes lugares, para além daqueles que são institucionalizados como oficiais. Nas paredes de edificações estão colados cartazes dos festivais locais, lambes de manifestações artísticas; monumentos históricos criados por artistas da própria cidade; intervenções e performances realizadas na rua, perto de locais de afirmação da arte. Enfim, são presenças que ocupam a cidade e que captam as pessoas que nela moram, estão de passagem ou apenas visitam. Partindo do entendimento de uma cidade simbólica, cartografada por seus habitantes, composta por uma multitude de vozes e experiências de vida, compreendo a arte como habitante dessa cidade.

Uma habitante que se movimenta cotidianamente, deixando rastros e vestígios por onde passa. A arte que se faz presente nessa cidade-corpo acontece e se coloca na urbe de formas variadas, desde cursos

disponibilizados pela prefeitura, organizados em oficinas abertas ao público; espetáculos produzidos pelas companhias locais e companhias de fora; eventos comemorativos que festejam a arte e a cultura itajaiense; mostras cênicas, audiovisuais, musicais, dentre outras linguagens artísticas que preenchem os quatro cantos da cidade. Não só preenchem, mas reverberam histórias que acabaram sendo emudecidas pelo frenesi da vida cotidiana e pelo descaso com as políticas públicas de acesso à cultura.

Algumas políticas culturais de Itajaí, como o Programa “Arte nos Bairros”, por exemplo, proporcionam a difusão de oficinas artísticas para outros bairros da cidade, porém fica evidente que esses outros territórios não são prioridades. A cidade de Itajaí, em sua cena artística cultural pujante, também mantém vivas arestas de marginalização ao acesso artístico-cultural; uma equação composta por jogos e relações de poder que se faz urgente tensionar.

REFERÊNCIAS

ALCANTARA, Sarah Bernadete de Carvalho. O que pode um corpo? Espinosa e Deleuze, o desejo como produção. *Profanações*, Mafra, SC, ano 6, p. 220-237, 2019. Disponível em: <https://www.periodicos.unc.br/index.php/prof/article/view/2437>. Acesso em: 22 ago. 2022.

ANICETO, Flávio. Cultura e direito à cidade: artistas de rua, ação de cidadania e promoção de direitos culturais. In: RUBIM, Albino (org.). *Política cultural e gestão democrática no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2016. p. 188-200. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/publicacoes/estante/politica-cultural-e-gestao-democratica-no-brasil/>. Acesso em: 5 maio 2022.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Série Obras escolhidas, v. 3).

DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. v. 1. (Coleção TRANS).

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996. v. 3. (Coleção TRANS).

DELEUZE, Gilles. O ato de criação. *Folha de São Paulo*, São Paulo, v. 27, p. 1-15, jun. 1999. Palestra de 1987.

FERRÃO NETO, José Cardoso. Corpo, oralidade e letramento na cidade contemporânea: materialidades e construções simbólicas. *Revista FAmecos*, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 264-279, jan./abr. 2012. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/11352>. Acesso em: 15 set. 2022.

FLORIANO, Magru. Bairro Salseiros. *Itajaipedia*, [s. l.], 2021. Disponível em: <https://itajaipedia.com.br/artigos/bairro-salseiros/>. Acesso em: 22 ago. 2022.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert Lederer; RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 273-295.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

FUGANTI, Luiz. Corpo em devir. *Sala Preta*, São Paulo, v. 7, p. 67-76, 2007. Disponível em: <https://revistas.usp.br/salapreta/article/view/57321>. Acesso em: 12 jun. 2022.

FUNDAÇÃO CULTURAL DE ITAJAÍ. Programas e projetos. *Fundação Cultural de Itajaí*, Itajaí, 2023a. Disponível em: <https://fundacaocultural.itajai.sc.gov.br/programas-e-projetos>. Acesso em: 7 fev. 2023.

FUNDAÇÃO CULTURAL DE ITAJAÍ. Setorial de Teatro e Circo. *Fundação Cultural de Itajaí*, Itajaí, 2023b. Disponível em: <https://fundacaocultural.itajai.sc.gov.br/>. Acesso em: 7 fev. 2023.

FUNDAÇÃO GENÉSIO MIRANDA LINS. Museu Histórico. *Fundação Genésio Miranda Lins*, Itajaí, 2023. Disponível em: <https://fgml.itajai.sc.gov.br/museu-historico>. Acesso em: 22 ago. 2022.

FURTADO, Janaina Rocha; ZANELLA, Andréa Vieira. Artes visuais na cidade: relações estéticas e constituição dos sujeitos. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, p. 309-324, 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682007000200007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 22 ago. 2022.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. *História demográfica de Itajaí: uma população em transição (1866 – 1930)*. 1979. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina,

- Florianópolis, 1979. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/74885>. Acesso em: 20 ago. 2022.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- IBGE. *Censo 2022*. [Rio de Janeiro], 2022. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/>. Acesso em: 5 jul. 2022.
- ITAJAÍ, entre o rio e o mar. *Prefeitura Municipal de Itajaí*, Itajaí, 2019. Seção A cidade. Disponível em: <https://itajai.sc.gov.br/c/a-cidade>. Acesso em: 7 fev. 2023.
- ITAJAÍ. *Lei n° 4256, de 07 de março de 2005*. Dispõe sobre o Conselho Municipal de Políticas Culturais, e dá outras providências. (Denominação alterada pela Lei n° 6473/2013). Itajaí: Câmara de Vereadores de Itajaí, SC, 2005. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/sc/i/itajai/lei-ordinaria/2005/425/4256/lei-ordinaria-n-4256-2005-dispoe-sobre-o-conselho-municipal-de-cultura-e-da-outras-providencias>. Acesso em: 22 ago. 2022.
- ITAJAÍ. *Lei Orgânica do Município De Itajaí*. [Normas da Cidade de Itajaí]. Itajaí: Câmara de Vereadores de Itajaí, SC, 4 abr. 1990. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/lei-organica-itajai-sc>. Acesso em: 15 abril. 2022.
- ITAJAÍ. Secretaria Municipal de Saúde. *Plano Municipal de Saúde de Itajaí, 2014 – 2017*. Itajaí: Secretaria Municipal de Saúde, 2014. Disponível em: <https://saude.itajai.sc.gov.br/l/plano-municipal-de-saude>. Acesso em: 7 fev. 2023.
- LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2011.
- MACHADO, Ana Bela de Souza Faria de Azevedo. *Identificação do acervo cultural: cidade de Itajaí*. Itajaí: Fundação Cultural de Itajaí, 2001. v. 1.
- PASQUALOTTO, Mariana Zobot; ZANELLA, Andréa Vieira; FONSECA, Tânia Galli. Se tudo ficasse quieto conseguiríamos escutar o rio? Uma intervenção urbana sobre memórias da cidade. *Urdimento: revista de estudos em artes cênicas*, Florianópolis, v. 2, n. 38, p. 1-24, ago./set. 2020. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/16675>. Acesso em: 22 ago. 2022.
- RAMOS, Marcos Roberto; TRISKA, Ricardo. Design e cultura: análise da identidade em um patrimônio histórico-cultural – Mercado Público de

Itajaí. *Patrimônio e Memória*, Assis, SP, v. 15, n. 2, p. 339-352, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/890>. Acesso em: 15 abr. 2022.

RAUPP, Valmir Pereira. Valmir Pereira Raupp apresenta o Bairro Espinheiros, em Itajaí. [Entrevista cedida a] Redação NSC. *NSC Total*, Itajaí, 2013. Disponível em: <http://osoldiario.clicrbs.com.br/sc/noticia/2013/08/valmir-pereira-raupp-apresenta-o-bairro-espinheiros-em-itajai-4244948.html>. Acesso em: 22 ago. 2022.

RETRATOS Itaipava resgata patrimônios históricos do primeiro bairro de Itajaí. *Prefeitura Municipal de Itajaí*, Itajaí, 17 ago. 2016. Seção Notícias. Disponível em: https://www.itajai.sc.gov.br/noticia/15664/retratos-itaipava-resgata-patrimonios-historicos-do-primeiro-bairro-de-itajai#.Y-I5_XbMLIV. Acesso em: 7 fev. 2023.

RIBEIRO, Elton Silva; BAPTISTA, Luis Antonio dos Santos. Ruídos e silêncios de um corpo na cidade: paradoxos da produção da diferença no contemporâneo. *Psicologia em revista*, Belo Horizonte, v. 22, n. 2, p. 374-391, 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1677-11682016000200008. Acesso em: 21 ago. 2022.

ROJAS, Angelina Accetta; LIMA, Andre Cesari Batista de; BRAGA, Lívia Ribeiro Barboza de Araújo. Cultura, arte e estética: uma análise da educação da sensibilidade a partir de uma exposição. *Pragmatizes: revista latino-americana de estudos em cultura*, Niterói, v. 11, n. 20, p. 236-254, mar. 2021. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/pragmatizes/article/view/45792>. Acesso em: 22 ago. 2022.

ROLNIK, Suely. Ninguém é deleuziano. [Entrevista cedida a] Lira Neto e Silvio Gadelha. *O Povo*, Fortaleza, n. 6, p. 6-18, nov. 1995.

ROSA, Clemilson da. *História e tradição do Boi de Mamão em Santa Catarina (1970-2000)*. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2010. Disponível em: <http://repositorio.unesc.net/handle/1/741>. Acesso em: 12 ago. 2022.

RUBIM, Albino (org.). *Política Cultural E Gestão Democrática No Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2016.

SANTOS, Milton. *O país distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania*. São Paulo: Publifolha, 2002.

SAWAIA, Bader Burihan. Cidadania, diversidade e comunidade: uma reflexão psicossocial. In: SPINK, Mary Jane Paris (org.). *Cidadania em Construção: um Reflexo Transdisciplinar*. São Paulo: Cortez, 1994. p. 147-156.

SENNET, Richard. *Carne e Pedra*. 6. ed. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2021.

SEVERINO, José Roberto. *Itajaí e a identidade açoriana: a maquiagem possível*. Itajaí: Ed. Univali, 1999.

SPINK, Mary Jane Paris (org.). *A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar*. São Paulo: Cortez, 1994.